

PAULO LEPETRI

paulolepetri@gmail.com

UNIVERSIDADE DO MINHO / CENTRO DE ESTUDOS DE
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE (PORTUGAL)

RÁDIO CIDADE: O TEMPO E SOM

ABSTRACT

Marco de transformação e modernidade na história da radiodifusão brasileira e portuguesa, a Rádio Cidade deu início a uma nova etapa da comunicação radiofónica. Em ambos os países a Rádio Cidade surgiu como uma emissora de rádio que trazia como característica uma linguagem informal, descontraída, simples, com um repertório musical baseado nos sucessos do *hit parade*.

Inspirada na Radio City of America, a célebre RCA dos EUA, a Rádio Cidade brasileira e portuguesa teve a sua linha emissiva voltada para o público jovem, com uma programação eclética e criativa. Em ambos os países a emissora foi sinónimo de sucesso e vanguardismo, tornando-se líder de audiência, além de propagar um novo e contagiante estilo comunicacional radiofónico como uma forte capacidade propagadora de inúmeros estilos musicais.

Com a mesma filosofia de radiação, a história da Rádio Cidade em Portugal tem o seu começo em abril de 1986. Fundada por Rui Duarte, imigrante Brasileiro, natural de São Pedro do Sul, no Estado Rio Grande do Sul, seu filho, Rui Duarte Júnior e Edson Yazejy, que adaptaram o mesmo modelo de rádio jovem e irreverente já existente no Brasil.

No seu percurso emissivo, a Rádio Cidade foi marco fundamental de uma nova e importante etapa radiodifusora. Da elaborada estratégia de lançamento pelo grupo JB, na cidade do Rio de Janeiro, na década de 70, ao “amorismo pirata” da família Duarte, em Lisboa, nos anos 80, a emissora sempre primou pela sua determinação inovadora e dinamizadora, quer na área comunicacional, quer na área musical. Determinante, o percurso histórico propagador da Rádio Cidade, tanto em Portugal quanto no Brasil, sempre será, para todos nós, o paradigma de uma geração que ainda hoje se encontra e sobrevive, *no tempo e no som*.

PALAVRAS-CHAVE

Rádio Cidade FM; linguagem radiofónica; vanguarda comunicacional; som e música

“O som é a pulsação da vida no tempo”
Moisés de Lemos Martins

No ano de 1977, o Brasil, em plena ditadura militar do então General Ernesto Geisel, mal começava a sonhar com a tão almejada abertura política. O país ainda respirava o ar incerto da liberdade, a incerteza da livre expressão, o medo político e as mazelas sociais de um governo opressor. Foram tempos complicados para todo o povo brasileiro! Naquele momento, o país, além de vivenciar uma crise internacional desencadeada pelo choque do petróleo¹ no mundo, ainda, com grande esforço, tentava alcançar, por parte do governo, uma melhor projeção internacional², da mesma forma que se confrontava com as importantes e sensíveis mudanças da sua política econômica.

No Estado do Rio de Janeiro, a juventude³ da zona sul carioca também sentia a sujeição imposta pelo regime militar, ao mesmo tempo que desfrutava com o seu alegre e carismático espírito o que de melhor a Cidade Maravilhosa podia oferecer aos seus moradores: muita praia, muito futebol, lindas meninas e, claro, muita música. À noite, o ponto de encontro era nas inúmeras discotecas da cidade, também conhecidas como danceterias, sendo a mais badalada a do escritor, letrista e crítico musical, Nelson Motta, a “Frenetic Dancin Days Discothèque”⁴.

Se os finais da década de 70 ficaram conhecidos como o tempo da consolidação da música pop no cenário musical brasileiro⁵, podemos afir-

¹ No Brasil, as importações de petróleo, que haviam custado 769 milhões de dólares em 1973, saltam a 2.062 milhões em 1974, e continuam crescendo, até chegar a 6.698 milhões de dólares em 1979; de 12% do valor total das importações que elas representavam no primeiro ano de referência, elas correspondem a 37% no final do período, repercutindo sobre um saldo comercial cronicamente deficitário ao longo da década (salvo os pequenos superávits de 1973 e 1977). Esse desequilíbrio levará a uma modificação importante no modelo econômico (Marini, 2012).

² A construção de uma nova institucionalidade se inicia, de fato, ao assumir o governo o quarto presidente do regime militar, general Ernesto Geisel (1974-79), cabendo-lhe formular a proposta de uma abertura política “lenta, gradual e segura”. As condições em que isso vai ser tentado, marcadas pela crise internacional desencadeada pelo primeiro choque do petróleo, levarão a que a abertura se acompanhe de mudanças substanciais na política econômica e de um grande esforço para dar ao Brasil uma maior projeção internacional (Marini, 2012).

³ Durante os anos de 75 a 79 as ruas voltaram a ser o palco da atuação estudantil e toda essa força que a juventude demonstrou exigindo o fim do regime militar inspirou e reanimou a classe trabalhadora e outros movimentos. Os estudantes estavam, a partir desse momento, ao lado dos trabalhadores apoiando as greves e se envolvendo nas organizações clandestinas de fábricas, ajudando as oposições sindicais (Colzani, 2012).

⁴ A “Frenetic Dancin Days Discothèque” atraía um imenso público e se transformou em *febre* no Rio de Janeiro: “Misturando ao jovem público da Zona Sul que enchia a casa, estrelas e personagens das noites cariocas, músicos, intelectuais e desportistas” (Motta, 2000, p. 297).

⁵ “Depois da fermentação crescente dos anos 60, entramos numa década que não há ‘movimentos musicais brasileiros’” (Midani, citado em Bahiana, 1980, p. 260).

mar que o ano de 1977 ficou marcado como o ano contagiante da *disco music* que nada mais era do que uma mistura de vários ingredientes sonoros/musicais, como o *pop tradicional*, *salsa*, *black music*, *funk*, *soul* e, claro, o *rock* que em dosagens exatas e extremamente contagiantes, envolvidas por arranjos muito bem elaborados e sustentados por uma batida segura e forte, impulsionava o gosto da juventude, através de uma fusão fantástica de ritmos e de um estilo viciante e apetitosamente dançável, uma vez que a música, como define o antropólogo Gino Stefani, “penetra no corpo” (Stefani, 1989, p. 27).

Naquele momento, o ator John Travolta era o ícone de uma geração onde todos, a cada final de semana, tentavam encontrar o seu próprio *Saturday Night Fever*, ao som dos Bee Gees, das musas das discotecas, Donna Summer, Gloria Gaynor e Diana Ross, bem como do compositor, Maestro e interprete, Berry White.

Em maio de 1977, surgia, na cidade do Rio de Janeiro, uma emissora de rádio que marcaria para sempre a história da rádio no Brasil⁶: a Rádio Cidade. Inspirada na Radio City of América, a célebre RCA dos EUA, a emissora ocupava a frequência de 102,9 MHz. A sua linha musical baseava-se no estilo pop, um perfil considerado novo para a época e que se baseava nas paradas⁷ de sucessos norte-americanos, nas revistas Billboard e Cash Box⁸.

Entre os muitos responsáveis pelo grande sucesso que foi a Rádio Cidade FM, podemos citar alguns nomes que fizeram dessa emissora um marco na história das rádios FM em todo o Brasil, pessoas como Carlos Townsend que é considerado como um dos responsáveis pelas programações ao vivo nas FM no Brasil, assim como pela nova dinâmica de locução e pelo sentido operacional dos equipamentos, Alberto Carlos de Carvalho que, na altura, ficou responsável por toda a direção musical da emissora, uma vez que já era programador musical do programa de grande audiência *Sessenta Minutos de Música Contemporânea* que ia para o ar diariamente às 15h, pela JB AM. Outro nome a ser destacado é o de Clever Pereira que foi o responsável por desenvolver um projeto de linhas mais populares, na

⁶ (...) A Rádio Cidade tal como ficou conhecida surgiu oficialmente no histórico dia 1º de maio de 1977, o Dia do Trabalhador (não o “Dia do Trabalho”, como o regime militar queria fazer crer). A outorga da Cidade FM carioca pertenceu inicialmente ao grupo niteroiense Fluminense, mas foi vendida ao Sistema JB ainda nos anos 70. Em 1/5/1977, a Cidade entrou no ar, com uma inteligente programação pop, que fez história e foi imitada em todo o Brasil e até no exterior. Mas ninguém jamais se igualou à Cidade FM dos anos 70 (Delfino, 2011).

⁷ De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Parada de Sucesso é uma seleção de discos ou músicas que, supostamente, alcançaram maior popularidade ou vendagem, em determinado período.

⁸ (...) Foi na década de 1970, porém, que o rádio FM no Brasil tomou uma linha de produção, administração e programação baseada na importação de modelos norte-americanos (Moreira, 2000, p. 47).

verdade, nada mais era do que a continuação do que já se ouvia nas antigas rádios Tamoio e Mundial, ambas AM, além dos locutores Eládio Sandoval, Romilson Luís, Fernando Mansur, Jaguar Silva, Ivan Romero, Paulo Roberto e Sérgio Luís. Nesse momento, a Rádio Cidade surgia com uma proposta nova, um formato de programação e locução também inovador para o rádio FM de todo o Brasil.

O grande sucesso da Rádio Cidade FM foi imediato no Rio de Janeiro, fazendo com que aos poucos a emissora logo proliferasse, ocupando o seu lugar de honra no dial⁹ de diversas cidades brasileiras, como São Paulo, Brasília, Vitória, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Florianópolis, Porto Alegre, para citar apenas as principais cidades

É importante destacar que a programação musical da Rádio Cidade FM priorizava a dance music, mas, mesmo assim, não deixava tocar nada que não estivesse presente nas paradas de sucesso. De Peter Frampton, com “Baby I love you way”, passando por Rod Stewart, com “Tonight ‘s the night” e até o lendário roqueiro Alice Cooper e o seu “I never cry¹⁰”, todos os motivos sempre teriam que chegar ao gosto popular dos seus jovens ouvintes.

Com o sucesso estrondoso da Rádio Cidade FM, o Brasil conheceu e se encantou por uma linguagem nova, assumidamente *pop* e, naquele momento, sem maiores pretensões. Uma forma de se fazer rádio que, em pouco tempo, se tornou um padrão para as rádios voltadas ao público jovem em todo o país.

Na verdade, um dos principais objetivos da rádio Cidade FM era o de desenvolver uma espécie de cultura *pop* na cidade do Rio de Janeiro, permitindo assim a proliferação dessa então “cultura” para várias partes do país.

Pouca gente sabe, mas a Rádio Cidade FM teve como primeira preferência a cidade do Rio de Janeiro, por dois fortes motivos. O primeiro porque o grupo Jornal do Brasil era sediado na própria cidade do Rio de Janeiro e, em segundo, porque o grupo JB pretendia a concessão, por parte do Governo Federal, de um canal de TV.

Depois que o JB vivenciou o gosto do sucesso, através das ondas sonoras da Rádio Cidade FM Rio, a outra etapa foi a criação de várias afiliadas no país. Não demorou muito para que surgisse, em várias capitais do Brasil, emissoras similares à Rádio Cidade. Rádios como Transamérica, Antena Um FM e Jovem Pan passaram nos anos 80 a seguir a mesma fórmula de sucesso da Rádio Cidade FM.

⁹ De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, o dial é um dispositivo para girar o capacitor de sintonia num rádio receptor, e que é, por via de regra, associado a uma escala indicadora da frequência sintonizada.

¹⁰ Músicas estrangeiras de sucesso no Brasil no ano de 1977 (Severino & Mello, 1998, p. 239).

O grupo Bloch¹¹ (de Adolpho Bloch), o mesmo da revista *Manchete*, também decidiu investir numa rede de FMs com o mesmo perfil da Cidade, a *Manchete FM*. O grupo já possuía a rede *Manchete AM*¹².

A cada instante, no Brasil, surgem novas emissoras de rádio, num ritmo em crescente aceleração.

Talvez tenha sido através desse alastramento que a partir de 1 de abril de 1986 a Rádio Cidade FM emigrou para além-mar, chegando em terras portuguesas. Em plena integração no processo de construção da Europa e da consolidação do processo de democratização do país, Portugal vivenciava, em meados dos anos 80, um significativo conjunto de transformações, num ambiente caracterizado por um expressivo/significativo crescimento económico e por uma razoável estabilidade macroeconómica.

Os anos 80 em Portugal ficaram marcados como uma década de relevantes mudanças na área da radiodifusão, que dimensionadas a uma nova etapa evolutiva, determinaram importantes características difusoras, quer no dinamismo musical da sua programação (ação/surgimento de novas e radicais ideias comunicacionais), quer pela importância da sua expansão emissiva por todo o país, trazendo assim, como fundamental alicerce, uma linguagem popular do improvisado que quase de imediato “deformou” por completo os antigos parâmetros comunicacionais radiofónicos da época¹³: era a volta das Rádios Livres, também conhecidas como Rádios Piratas¹⁴.

¹¹ O Grupo Bloch começou a ser erguido pelo imigrante ucraniano Adolpho Bloch em 1952, e na sua melhor fase era composto por duas gráficas, uma fábrica de tintas, editora e distribuidora de livros didáticos e revistas, um teatro, 16 emissoras de rádio e cinco de TV, que compunham a Rede *Manchete*. Acedido em redemanchete.net/tags/?t=adolpho-bloch

¹² A emissora entrou no ar nos anos 60, como uma rádio rock: a *Federal AM*, que acabou em 1973, dando lugar à *Manchete AM*, do grupo Bloch. Quando integrou o grupo *Manchete* esta rádio fez história com comunicadores populares como: Paulo Barbosa, Roberto Canazio, Kléber Sayão, Alexandre Ferreira, Marcos Fraga, Mário Belisário, Evil Mendonça, Edmo Luiz, Marcelo Figueiredo, Ricardo Campello, Jair Lemos, Cezar Severo, Rodolfo Paul, Carlos Sigelmann, Cidinha Campos entre outros. Com a falência do grupo Bloch em 2000 a emissora passou por vários grupos de empresário. A partir de junho de 2006 o grupo *Nashe* de Comunicação passou a administrar a emissora. Em 2007 a rádio cresceu, e trouxe grandes nomes da comunicação, como Luiz De França, Mário Esteves e o ex-governador do estado do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho. Em 2009 a *Manchete* continuou se reforçando, e trouxe para sua equipe David Rangel. Hoje a Rádio *Manchete 760 AM* dedica suas transmissões aos assuntos do Estado e da cidade do Rio de Janeiro, priorizando pessoas e fatos do interesse de cariocas e fluminenses. (Rádio *Manchete FM* - abril, 2013)

¹³ As rádios locais representaram o renascimento de um novo espaço de liberdade (Guattari, 1981, p. 231) e de expressão baseada na palavra direta e de livre acesso (Eco, 1981, p. 213).

¹⁴ Finalmente, pode-se falar de uma terceira vaga de rádios, com projetos bem estruturados, tecnicamente bem apetrechados, com profissionais qualificados e uma base empresarial, que aproveitam uma conjuntura económica favorável (no caso, o efeito de adesão de Portugal na CEE, que favorece o mercado publicitário e o aparecimento de novos projetos de comunicação) (Azevedo, 2001, p. 114).

É sempre importante destacar que o surgimento desenfreado dessas emissoras piratas/livres, na década de 80, mostrou, antes de mais nada, um rompimento comunicacional radiofônico no país, mesmo tratando-se de emissoras que na altura da sua primeira fase (1977-1984), eram definidas como tendo um perfil amadorístico.

Mesmo assim, não podemos deixar de evidenciar a intenção, por parte das rádios piratas, de reaproximação com a comunidade local. Não podemos esquecer também que foi a cobertura local que deu fundamental destaque e, sem dúvida nenhuma, determinou com sucesso o surgimento do movimento pirata radiofônico em Portugal. Outro fator de maior contágio entre o ouvinte e as suas rádios piratas foi o desporto, mais especificamente o futebol da terra que, quase sempre acompanhado em direto, sempre ofereceu uma importante motivação para os dois lados: ouvinte e piratas.

Essa proliferação deu-se pela extrema facilidade com que se podia pôr no ar uma “emissão pirata”¹⁵. Com um custo relativamente baixo e uma frequência ainda mais baixa, nascia, na maioria das vezes, nas próprias residências dos seus intrépidos criadores, uma estação de rádio.

Mas a contínua falta legisladora por parte da radiodifusão portuguesa fez crescer, de modo alarmante, não só o número de rádios piratas/livres, como também a qualidade técnica e profissional da sua programação, uma vez que muitas dessas emissoras, que começaram a transmitir a partir de 1985, tinham sido fundadas por profissionais qualificados oriundos de emissoras nacionais. Exemplo maior é o constatado pela TSF.

O alastramento das emissoras piratas/livres em Portugal nunca teve um controle/reconhecimento preciso. Estimava-se que entre o litoral e o interior poderia haver perto de 394 estações, sendo mais evidenciadas no litoral com cerca de 346.

No meio das inúmeras dificuldades, assim como as radicais e profundas transformações pelas quais a radiodifusão portuguesa passava, a década de 80, mais precisamente o ano de 1986, foi o ponto de partida de uma abrangente transformação radiofônica neste país. Naquele ano chegou a Portugal a Rádio Cidade, fundada pelos brasileiros Rui Duarte (pai), Rui Duarte Júnior (filho) e Edson Yazejy Jr. que adaptaram o modelo de rádio existente no Brasil¹⁶.

¹⁵ Montar uma estação de «rádio livre» é relativamente barato. O mais caro é o investimento inicial, na aquisição do emissor, da antena e demais aparelhagens: gravadores, gira-discos, amplificador, misturador e outros aparelhos, que qualquer um de nós encontra numa casa de eletrodomésticos. (...) Com a atual tecnologia, miniaturizada e pouco dispendiosa, pode fazer-se rádio com quaisquer 10 contos. (*Jornal de Notícias*, 29 de Dezembro de 1983 in Bonixe, 2012, 316).

¹⁶ As expectativas relativas à legalização das rádios locais em Portugal começavam a crescer e por isso nesta fase ganham forma alguns dos projetos mais consistentes de todo o período. É o caso da Rádio

Como quase todas as outras, começou como uma rádio pirata a emitir para a Grande Lisboa, a partir da cidade da Amadora. Sem dúvida nenhuma era uma emissora de rádio “brasileira” feita por apresentadores brasileiros, mesclados também com animadores portugueses.

Com a dinâmica, a soltura e a musicalidade do sotaque brasileiro tiveram uma aceitação imediata por parte dos ouvintes portugueses.

“A Rádio Cidade em Portugal foi extremamente importante porque, quer o pai, quer o filho, que eram os donos da emissora e tinham vivido no Rio de Janeiro, eles eram meus fãs e queriam fazer uma rádio em Portugal com brasileiros e portugueses, baseada em um programa que eu apresentava, o Rock Stock. (...) Ao princípio, eles traziam as bobinas gravadas, ouviam tudo, e repetiam cá a cópia fiel de como era feita a Rádio Cidade no Brasil.” (Filipe Barros, entrevista concedida em março de 2013).¹⁷

A sua presença logo foi notada com uma audiência bastante expressiva por parte dos portugueses. Era uma emissora que até chegou a transmitir alguns relatos de futebol, mas sempre com um perfil emissivo bastante diferente do que os ouvintes portugueses estavam acostumados. Na verdade, era uma rádio com uma nova postura comunicacional, “uma rádio de *clima tropical*, conquistando um público de um país de Invernos longos e frios” (Mateus, 2006)¹⁸.

De características urbanas, esse público encontrava no Rap (tipo de música popular, urbana, de origem negra, com ritmo muito marcado e melodia simples, pouco elaborada), ou no movimento mais *underground do Rock*, como no próprio Rock português, o conjunto certo de elementos que, propagados pelo disc-jockeys, davam um novo padrão estético-musical às suas preferências.

Cidade, uma emissora local da Amadora, perto de Lisboa, que tinha a particularidade dos seus locutores falarem português com sotaque brasileiro e de se dirigir ao público mais jovem, apresentando na sua programação os *hits* musicais do momento. (Bonixe, 2012, p. 319)

¹⁷ Radialista criador e apresentador do programa Rock em Stock que se tornou um dos programas mais emblemáticos dessa época. O Rock em Stock era transmitido pela Rádio Comercial e pela voz de Luís Filipe Barros investiu desde logo na música mais recente de artistas e grupos pouco conhecidos por cá, acompanhando tudo o que se passava além fronteiras nomeadamente o movimento Punk, a New Wave, e a NWOTBHM..

¹⁸ A Rádio Cidade ganhou o alvará para a Cidade da Amadora, só que com um tão rápido Sucesso e com a visão dos fundadores, em pouco tempo formaram a Rede Cidade (Grande Lisboa, Grande Porto, Coimbra, Santarém, Alentejo e Algarve). O pico de ouvintes desta emissora foi em meados da década de 1990, com o lançamento de CDs (compilações) que em poucos dias se tornavam disco de Ouro (40mil cópias vendidas) Acedido em <http://radiocidade2.blogspot.pt/>.

Atentos à propagação emergente que as rádios projetavam no meio social, importantes sectores económicos começaram a ter um significativo interesse, assim como empresários ligados à área do espetáculo musical, como também a própria indústria fonográfica do país.

O protótipo exato com todos os requisitos de uma emissora norte – americana em Portugal foi representado pela Rádio Cidade.

Com uma locução rápida e contagiante, nascia um novo estilo de comunicação, especialmente para os ouvintes mais jovens. Emitindo muita música, poucas palavras, e, claro, uma boa disposição por parte de seus apresentadores, a Rádio Cidade logo despertou uma forte atenção, chegando a ser um dos grandes exemplos de audiência centralizada numa só estação.

Na verdade, a Rádio Cidade não passava de mais uma emissora, na Grande Lisboa, bem estruturada tecnicamente. No meu entender, o seu maior atrativo estava, não só na sua linguagem radiofónica irreverente e na sua programação musical, descontraída e repleta de entretenimentos, mas também no seu sotaque luso-brasileiro, com o espírito brasuca dos seus comunicadores.

Em 1989, já licenciada e legalizada, a Rádio Cidade não voltaria a ser a mesma de quando chegou em Portugal e transformou a comunicação radiofónica, através de inúmeras diferenças e de muitas mudanças de estilo. Na minha opinião, talvez a mais forte tenha sido a interferência do sotaque brasileiro mesclado ao sotaque português de Portugal.

Em 2003, já nas mãos da Média Capital, foi a vez das vozes do Brasil serem caladas para sempre. Atualmente, a Rádio Cidade, falada apenas em português de Portugal, chama-se Cidade FM¹⁹ e está voltada para um público juvenil. Mas nunca mais chegou perto do que foi na década de 80, vivendo hoje apenas como uma importante referência que a história da Rádio em Portugal sempre irá destacar²⁰.

No seu percurso emissivo, a Rádio Cidade, tanto em Portugal quanto no Brasil, foi marco fundamental de uma nova e importante etapa radiodifusora.

¹⁹ Em 1999, a rádio foi adquirida da família do fundador pela empresa Media Capital, que também possui jornais, revistas, um canal de televisão e outras quatro rádios (ver <http://noticias.terra.com.br/popular/noticias/o,,01155638-E1141,00 Radio+portuguesa+decide+cortar+sotaque+brasileiro.html>).

²⁰ Período coincidente com o início do declínio da mesma. Aliás um fato interessante é que enquanto diretores brasileiros estiveram no comando da Rádio Cidade artisticamente esta esteve sempre muito bem colocada a nível das audiências, só declinando a partir do momento de sua venda e perda do controle artístico por parte destes mesmos profissionais brasileiros. Foi comprada em 2003 pelo Grupo Media Capital, transformando totalmente o modelo desta, a qual se tornaria na atual “Cidade FM”. A Cidade original mudou da Amadora para o Porto e volta com música atual, êxitos do passado, notícias, e muito mais. Acedido em <http://radiocidade2.blogspot.pt/>

Da elaborada estratégia de lançamento pelo grupo JB, na cidade do Rio de Janeiro, na década de 70, ao “amadorismo pirata” da família Duarte, em Lisboa, nos anos 80, a emissora sempre primou pela sua determinação inovadora e dinamizadora, quer na área comunicacional, quanto na área musical. Determinante, a Rádio Cidade sempre será, para todos nós, o paradigma de uma geração que ainda hoje se encontra e sobrevive, *no tempo e no som*.

REFERÊNCIAS

- Bahiana, A. M. (1980). *Nada será como antes: MPB nos anos 70*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.
- Azevedo, A. P. (2001). As rádios locais do pós-25 de Abril. *Revista do Obercom* 4,
- Bonixe, L. (2012). As rádios locais em Portugal – da génese do movimento à legalização. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9(2). Doi: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2p313>
- Colzani, J. E. (2012). A juventude e a ditadura militar de 64. Seção Brasileira da Corrente Marxista Internacional. Acedido em <http://www.marxismo.org.br/content/juventude-e-ditadura-militar-de-64>
- Delfino, M. (2011). Tributo ao rádio do Rio de Janeiro. Cidade, Transamérica e RPC: disputa acirrada nos anos 80. Acedido em tvsdorj.com/.../08/cidade-transamerica-e-rpc-boa-briga-dos-anos-80/
- Ferrari, R. M. (1993). *O mito no rádio: a voz e os signos da renovação periódica*. São Paulo, Annablume.
- Holanda, B. A. (1986). *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Mateus, F. (2006). *Melhor do que isto só água de coco no deserto. Rádio Cidade. Outras rádios em Portugal nos anos 80*. Acedido em <http://radiocritica.blogspot.pt/2006/05/outras-rdios-em-portugal-nos-anos-80.html>
- Marini, R. M. (2012) Brasil: da ditadura á democracia - 1964-1990. Acedido em www.marini-escritos.unam.mx/033_brasil_ditadura_port.htm
- Meditsch, E. (1999). *A rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo*. Coimbra, Minerva.
- Moreira, S. V. (2000). *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro, Mil Palavras.

Motta, N. (2000). *Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Severino, J. & Mello, Z. H. (1998). *A canção do tempo. 85 Anos de música brasileira. Vol.2*. São Paulo: Editora34.

Stefani, G. (1989). *Para entender a música*. Rio de Janeiro: Globo.